

A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA E DO DIALETO CAIPIRA NA POESIA DE CORNÉLIO PIRES: UM COMPLEXO LINGÜÍSTICO E CULTURAL

Cibélia Renata da Silva Pires*

RESUMO: *A cultura popular abrange vários setores da vida de um povo como, por exemplo, a música, a comida, as danças e a literatura, colocando-se, geralmente, em oposição à cultura oficial e erudita. Neste artigo, dentre os vários temas envolvendo cultura popular, abordaremos a literatura popular, que aqui será representada através da poesia "Almoço no muchirão" de Cornélio Pires, apresentando as características da cultura e do dialeto caipira e suas contribuições para o conjunto da obra.*

ABSTRACT: *The popular culture includes several sections of the life of a people as, for instance, the music, the food, the dances and the literature, being put, usually, in opposition to the official and erudite culture. In this article, among the several themes involving popular culture, we will approach the popular literature, that here will be represented through the poetry "Lunch in the muchirão" by Cornélio Pires, presenting the characteristics of the culture and caipira dialect and their contributions for the group of the work.*

PALAVRAS-CHAVE: *caipira, dialeto, Cornélio Pires*

KEYWORDS: *caipira, dialect, Cornélio Pires*

INTRODUÇÃO

Ao contrário de outros países, a poesia popular narrativa, devido à sua dinamicidade e força de expressão, supera em muito a prosa. Essa poesia, conhecida em muitos lugares como literatura de cordel, é cantada por violeiros, trovadores ou cantadores, sendo manifestada em várias regiões do país, refletindo em suas letras a variante lingüística local. Todavia, conforme coloca Meyer (1980, p.6), é preciso haver distinção entre os poetas populares que se dedicam à cantoria, sendo chamados também de cantadores, daqueles que apenas escrevem histórias em versos, sendo conhecidos como poetas de bancada. Dentre os primeiros, podemos destacar os cururueiros que, além de comporem

*Mestre e doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do grupo de estudos "Formação e expansão do português paulista ao longo do Rio Tietê até o Mato Grosso a partir do século XVI" pela mesma universidade.

belíssimas letras ainda as cantam em festas e reuniões. No segundo grupo, temos como representante o escritor e poeta Cornélio Pires que, mesmo não sendo um cantador, utilizou seus versos para tratar de temas rurais com bastante nostalgia. Graças ao seu talento, atuou no papel de porta-voz da comunidade caipira quando, ao descrever certos eventos locais, ressaltou o linguajar característico da região.

1-CORNÉLIO PIRES RETRATA O CAIPIRA

Cornélio Pires nasceu nas proximidades do município de Tietê (SP), passando toda a infância no ambiente de roça, nascendo deste primeiro contato seu interesse pelo linguajar e pela vida do caipira. Mudou-se para São Paulo em 1901, trabalhando como jornalista em diversos jornais, dentre eles "O Estado de São Paulo", sem nunca ter deixado de lado seu talento como escritor e poeta, levando aos palcos os "causos", histórias e poesias envolvendo a vida do homem do campo. Assim como seu primo, o dialetólogo Amadeu Amaral, dedicou-se com afinco ao estudo do dialeto caipira e à divulgação da cultura popular paulista, tornando-se, durante um longo período, um dos escritores mais lidos e populares do Brasil.

Como arguto pesquisador, Cornélio Pires procurou retomar, através de sua obra, os velhos temas tradicionais e acontecimentos marcantes do cotidiano no universo caipira, reproduzindo de modo significativo a linguagem do homem do campo. Um exemplo deste trabalho é o primeiro livro de Cornélio Pires chamado "Musa Caipira", editado em 1910 pela livraria Martins Fontes, contendo diversos sonetos e poesias em dialeto caipira. Para os propósitos deste artigo, selecionamos apenas uma poesia deste livro intitulada "O almoço do muchirão", por esta traduzir, com muita propriedade, tanto um aspecto do modo de vida caipira quanto o seu linguajar característico:

O almoço do muchirão

- A alegria dos pobres dura pôco!
Chega-chega, moçada, a mesa é boa.
despois do muchirão bamo no trôco,
que é estes frango co' arrois e uas leitôa.

-Despois do armoço nós vae vê, cabôco,
de quantos pau se fais ua canôa!

Grita um caipira barbaçudo e rouco:
-Dois arquere de róça é coisa atôa!

-Me dê a serraia-Intão, nho Benedicto,
num qué porvá ua coxa de cabrito?
-Passe o frango, nho Tico?- Passe a pinga...

E o dono do sitiéco, entusiasmado:
-Coma-coma, meu povo, que o roçado
é num capoeirão, num é restinga...

2-O MUTIRÃO E A CULTURA CAIPIRA

Há muitas definições para o termo "caipira", mas, dentre todas elas, preferimos utilizar a definição dada pelo professor Candido por nos parecer mais completa, pois aborda não apenas a definição do termo, como também dá- nos pistas da própria origem do homem rural:

Na verdade, o caipira é de origem paulista. É produto da transformação do aventureiro seminômade em agricultor precário, na onda dos movimentos de penetração bandeirante que acabaram no século XVIII e definiram um extensa área: São Paulo, parte de Minas e do Paraná, de Goiás e do Mato Grosso, com a área afim do Rio de Janeiro rural e do Espírito Santo. (CANDIDO, 2004, p. 270-71)

Com a notícia do descobrimento de minas de ouro em Cuiabá e no Mato Grosso, principalmente em Cuiabá em 1718, muitas pessoas abandonaram casas, mulheres e filhos para irem atrás das promessas de riqueza. A caminho das minas auríferas do oeste, em diversas trilhas e picadas abertas, foram se estabelecendo pessoas reunidas em diversos povoados que, com o fim da mineração, passaram a sobreviver de uma agricultura familiar e de subsistência. Esta população, relativamente numerosa e desarticulada, constituiu-se como um dos principais núcleos demográficos do país, dando origem ao que Candido (1998, p.79) denominou de "lençol de cultura caipira".

Candido (1998) ainda ressalta que estes caipiras viviam em pequenos grupamentos chamados bairros rurais que se constituíam como "naçõezinhas" devido ao grau de isolamento em que permaneciam. Os bairros rurais se organizavam como grupos de vizinhança, cujas

relações interpessoais se baseavam na ajuda mútua, desenvolvendo assim um forte sentimento de solidariedade e coesão grupal.

Como exemplo de uma dessas atividades coletivas temos o mutirão ou muchirão¹ como é chamado em algumas localidades. Essa modalidade de trabalho cooperativo surge quando, em determinado núcleo familiar, a execução de um determinado trabalho torna-se impraticável quando executado apenas pelos membros de uma família, sendo necessária a convocação de vizinhos para ajuda mútua. É necessário deixar claro que esse tipo de trabalho não era remunerado e estava baseado apenas em relação de amizade, deixando para a pessoa que foi ajudada a obrigação moral de retribuir assim que fosse também solicitada e, além disso, não deixando de dar uma festa com fartura de comida e com muita música e dança como mostra a primeira estrofe do poema :

“- A alegria dos pobres dura pôco!
Chega-chega, moçada, a mesa é boa.
depois do muchirão bamo no trôco,
que é estes frango co’ arrois e uas leitôa”.

Acima de tudo, o bairro rural era um grupo social igualitário em que estava sempre presente a noção de que todos os seus integrantes pertenciam a um mesmo nível social e, por essa razão, a cooperação entre os vizinhos se tornava fundamental. Sem a cooperação vicinal era impossível para o caipira, que só dispunha da mão- de- obra doméstica, efetuar o trabalho de derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita etc. Havia uma aproximação maior entre as pessoas através dessa forma de ajuda mútua e cooperativa existente em agrupamentos rurais cuja atividade produtiva era baseada na agricultura familiar. Na segunda estrofe, observamos que, além de uma aproximação maior entre os vizinhos, há uma maior rapidez na execução do serviço:

“-Despois do armoço nóis vae vê, cabôco,
de quantos pau se fais ua canôa!
Grita um caipira barbaçudo e rouco:
-Dois arquere de róça é coisa atôa!”

Com o passar dos anos essa prática foi sendo abandonada por causa dos altos gastos que o beneficiário tinha em relação aos vizinhos, pois com seu novo modo de vida, com dinheiro sempre escasso e gastos cada vez mais altos, as festas com fartura de comida tornavam-se um

encargo. Essa forma de ajuda foi substituída pelo pagamento a alguém por um ou mais dias de serviço para a execução da tarefa, ou então pela "troca de dias" que consistia no pagamento do beneficiário ser realizado não em dinheiro, mas em trabalhos. Assim, o beneficiário inicial era quem passava a prestar serviços nas terras do outro, retribuindo a ajuda da mesma forma.

3- TRAÇOS DE LÍNGUA ANTIGA NO DIALETO CAIPIRA

O termo dialeto vem do grego *diálektos* e significa "conversação, maneira de falar" que trazendo para o uso de hoje entendemos que seja uma maneira própria de falar de uma determinada região ou comunidade lingüística, ou, de acordo com Houaiss (2001): "qualquer variedade lingüística coexistente com outra e que não pode ser considerada uma língua (p.ex.: no português do Brasil, o dialeto caipira, o nordestino, o gaúcho etc.)".

Conforme coloca Elia (1979, p.153), o chamado dialeto caipira, constituído a partir da língua geral, é a fala de uma população interiorana que durante muito tempo se manteve isolada dos contatos com os centros urbanos. O filólogo Santiago-Almeida (2005, p.27) acrescenta ainda que este dialeto caipira atual está "recheado de elementos próprios do português arcaico".

Estudos lingüísticos têm focado sua atenção em fenômenos e fatores que condicionaram a mudança do português trazido pelos primeiros colonos portugueses do século XVI ao português falado hoje em diferentes contextos. Trabalhos como o de Amadeu Amaral (1920) na área de dialetologia rural e o projeto Filologia Bandeirante (2000) visavam a um estudo sobre as origens e mudanças ocorridas nesse português em uso no Brasil, utilizando para isso a coleta de material oral e/ou escrito.

Recentemente, um grupo de pesquisadores da Universidade de São Paulo têm participado de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado "Formação e expansão do português paulista ao longo do Rio Tietê até o Mato Grosso a partir do século XVI". Mais conhecido como "Projeto Caipira", este projeto temático busca, por meio da coleta e análise de aspectos lingüísticos, históricos e socioculturais em documentos e

gravações, determinar quais fatores serviram de base na formação e expansão da variedade lingüística nascida em núcleos familiares paulistas ainda nos séculos XVI e XVII, variedade a partir da qual surgiu o dialeto caipira.

Diante de alguns resultados já alcançados, obtidos através da coleta, tabulação e análise de dados lingüísticos, podemos dizer que este dialeto caipira mantém muitas características lingüísticas do português trazido pelos primeiros colonizadores europeus e registrado em gramáticas do século XVI e textos ainda mais antigos antigos:

(...) Quando um caipira diz “pregunta”, “mo’que”, “despois”, “vassuncê”, “tchão” (chão), “dgente” (gente), não está estragando por ignorância a língua portuguesa; mas apenas conservando antigos modos de falar que se transformaram na mãe-pátria e aqui. Até o famoso *erre retroflexo*, o erre de *Itur* ou de *Tietêr*, que se pensou devido à influência do índio, viu-se depois que pode bem ter vindo de certas regiões de Portugal (...). (CANDIDO, 2004, p.269)

Amparados nos procedimentos da Sociolingüística Variacionista e em estudos dialetológicos envolvendo atlas lingüísticos regionais, os pesquisadores do “Projeto Caipira” têm buscado os condicionamentos histórico-sociais e culturais que motivaram a permanência desta variedade lingüística em algumas regiões.

Uma das hipóteses aventada estaria relacionada ao insulamento de grande parcela da população que vive na zona rural, ou seja, devido ao grau de isolamento, conseqüência da dificuldade de comunicação com os centros urbanos, os bairros rurais conservam uma antiga forma de civilização com a persistência de diversas manifestações culturais de origem portuguesa e a permanência de um estado de língua mais antigo. Esta “marginalidade” a que estavam sujeitas estas áreas, longe da vida sócio-econômica dos centros urbanos, propiciaram uma cristalização de traços de um português mais antigo, carregando em si mesmo a sobrevivência de épocas remotas.²

4- ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA OBRA DE CORNÉLIO PIRES

Muitos traços de um português mais antigo podem ser encontrados em profusão em toda a obra de Cornélio Pires que, procurando ressuscitar

saberes e vivências guardados na memória do homem do campo, utilizou-se de todo o acervo lingüístico a fim de apresentar ao homem citadino toda a riqueza do universo do caipira.

Certos aspectos lingüísticos podem ser identificados como traços do falar caipira paulista, sendo que alguns deles, por causa do próprio êxodo rural, já se espalharam pela fala da população urbana. Na poesia "O almoço do muchirão" podemos encontrar várias palavras que constituem o chamado dialeto caipira e são, ao mesmo tempo, a permanência de um estado de língua mais antigo como, por exemplo, *despois, armoço, uas* etc.

O dialetólogo Amadeu Amaral, primo de Cornélio Pires, através de sua obra intitulada "O Dialecto Caipira" de 1920, procurou caracterizar o dialeto caipira falado em São Paulo, levantando certas particularidades fonéticas, morfológicas e de vocabulário. Como ele realizou suas pesquisas levantando dados de várias regiões de São Paulo, incluindo a cidade de Tietê³, contrapomos neste artigo certas particularidades fonéticas levantadas por Amaral (1920) àquelas encontradas na poesia tietense "almoço no muchirão" de Cornélio Pires. Da mesma forma, sempre que possível, serão registrados ao lado se há ou não correspondência do mesmo fenômeno lingüístico em textos mais antigos escritos em língua portuguesa:

- a) Ditongação antes de /s/ em sílabas finais tônicas: *arrois, nós, fais*.
- b) A monotongação de /ei/: *capoerão*. Em "Os Lusíadas" I – XLII, encontramos este mesmo fenômeno: "E o sol ardente/ Queimava então os deuses que Tifeo/ Com temor grande em *pêxes* converteu"
- c) A alternância no uso das letras <l> e <r>: *armoço, arquere*. Esse fenômeno já poderia ser observado em Barros (1540, p10): "Sól, lua, glória, fama, memória, nam tem plurár.", demonstrando que, em uma determinada época, este tipo de fenômeno fazia parte da norma padrão.
- d) Palavras como *Despois* encontra-se presente também em " Os Lusíadas V" e na Carta de Pero Vaz de Caminha.
- e) Formas proclíticas : de senhor (*nho Benedicto*) e de não (*num*)
- f) metátese: *porvá*. Este fenômeno lingüístico pode ser encontrado em "Os Lusíadas"

- g)** Redução de ditongo [ow] > [o]: *pôco*. Quanto à redução de *ou*, Cintra (1995) em "Estudos de dialectologia portuguesa" afirma que este fenômeno já estava presente em textos do século XVII.
- h)** alternância de /b/ com /v/ : *bamo*. Segundo Penha (1970, p. 34) esse fenômeno já poderia ser encontrado em textos arcaicos e clássicos, como gengiba/gengiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O poeta e escritor Cornélio Pires procurou, através da observação e convivência com o homem do campo, registrar o modo de vida caipira que pouco conhecemos e, a fim de dar maior completude à sua obra, fez uso da própria variedade lingüística local que, de maneira singular, garantiu uma maior expressividade da poesia.

O que pôde ser observado é que muitos aspectos lingüísticos, atribuídos por Amaral (1920) como pertencentes ao dialeto caipira, estavam fielmente representados na poesia "Almoço no Muchirão" de Cornélio Pires, sendo que muitos deles apresentam formas correlatas em textos mais antigos escritos em língua portuguesa.

A pujante estratégia do autor em estruturar aspectos importantes referentes à organização social do universo caipira através de uma linguagem peculiar notabilizou sua obra não apenas pelo seu caráter estético como também pela sua percepção histórica e intuição lingüística.

Utilizando-se do dialeto caipira, Cornélio Pires soube com toda sutileza dar voz ao homem do campo que, por muitas vezes, tem sido retratado na literatura de forma pejorativa, sendo mantido à margem da sociedade. Por outro lado, contando-nos sua história, o caipira revela o seu domínio lingüístico, permitindo-nos a observação e convivência com outra variedade lingüística diferente da norma padrão vigente.

Um estudo atento desta variedade lingüística, chamada de dialeto caipira, revela camadas mais antigas da língua e permite-nos refletir a respeito de certas posições conservadoras que consideram o dialeto caipira como uma deturpação lingüística, negando-lhe o direito de existir

como uma variedade lingüística ou simplesmente imputando-lhe a condição de variedade lingüística inferior.

A obra de Cornélio Pires tem o mérito de dignificar a vida do homem do campo ao traduzir a sua vida em versos, engrandecendo sua cultura, contestando toda forma de preconceito, seja este lingüístico ou social, além de banir de sua literatura toda imagem distorcida e caricaturada que por muito tempo tem povoado o imaginário popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALI, Manuel de Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 2ªed., São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1931.

AMARAL, Amadeu. **O dialecto caipira**. São Paulo : Casa editora "O Livro", 1920.

BARROS, João de. **Grammatica da lingua portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1540.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Caminha**: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear/ de Antonio G. da Cunha, César N. Cambraia, Heitor Megale. 2ª ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

CAMÕES, Luís V. de. **Obras completas**. Lisboa: Sá da Costa, 1946.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. , 8ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

CANDIDO, Antonio. Caipiradas. In:_____. **Recortes**. 3ªed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2004, pp 268-273.

CINTRA, L.F. **Estudos de dialectologia portuguesa**. 2ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1995.

DUARTE, Paulo. Dialeto caipira e língua brasileira. In: AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática e vocabulário. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1982, p. 1-40.

ELIA, Sílvio. **A unidade lingüística do Brasil**: condicionamentos geoeconômicos. Rio de Janeiro: Padrão-Livraria e Editora, 1979.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo**: Estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

MEYER, Marlise. **Autores de cordel**: seleção de textos e estudo crítico. São Paulo: Abril Educação, 1980.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. 9ªed., Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1989

PENHA, João Alves Pereira. **A arcaicidade da língua popular brasileira**. Franca, 1970.Tese.FFLCH

PIRES, Cornélio. **Musa caipira**: Contendo algumas produções em dialeto paulista./ **As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho (o queima campo)**, 4ª ed, Tietê: Prefeitura Municipal de Tietê, 1985

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para a história do português brasileiro: lote cuiabano. In: SANTIAGO ALMEIDA, Manoel Mourivaldo (org) & COX, Maria Inês Pagliarini(org).**Vozes Cuiabanas**: estudos lingüísticos em Mato Grosso.Cuiabá-MT: Cathedral Publicações, 2005, pp 21-28.

SILVA NETO, Serafim da Silva. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 3ª ed. RJ: Presença; Brasília: INL,1976.

¹ Segundo Martins (1975, p.111-112), o mutirão caracteriza-se por ser um “trabalho coletivo de limpa de roça ou pasto, em que os vizinhos voluntária e gratuitamente se reúnem para ajudar um morador do bairro que por necessidade (geralmente urgência) peça auxílio para levar a cabo essas tarefas.Também aí o dono da casa oferece comida: almoço e “janta”, além da pinga, muito consumida nessas ocasiões.”

² Sendo assim, utilizando as palavras de Silva Neto (1976, p.188): “O isolamento facilitou a estagnação da língua, mantendo-se, pelo Brasil adentro, verdadeiras ilhas culturais.”

³ De acordo com Duarte (1982:26), Amadeu Amaral fez suas observações nas zonas de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos.